



KAFKA ERÓTICO

EROTIC KAFKA

Gabriel Sausen Feil*

RESUMO: Este artigo pretende afirmar Kafka como um erótico. É que o erotismo, do modo como está sendo aqui entendido, é ligado à transgressão, e esse escritor, de acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari, não cessa de operar transgressões, de fazer um segmento se conectar com outro inimaginável até então. Tal operação se dá, principalmente, por meio da substituição do contrato conjugal por um pacto diabólico, e pelo processo de despersonalização dos seus personagens. Além disso, o artigo ainda se ocupa em afirmar que entre Kafka e outros autores, tais como Sacher-Masoch e Pierre Klossowski (estes reconhecidamente eróticos), há uma característica em comum: a criação de um procedimento de dissolução das formas.

PALAVRAS CHAVES: Kafka; Deleuze; Erotismo; Transgressão; Fluxo de desejo

ABSTRACT: This article seeks to assert Kafka as an erotic. Eroticism, on the way it has been understood here, is linked to transgression, and this writer, according to Gilles Deleuze and Félix Guattari, does not cease to operate transgressions, to make a segment get connected with another unimaginable by that time. This transaction takes place, mainly through the replacement of the conjugal contract by a diabolical pact, and by the process of depersonalisation of its characters. Furthermore, the article also deals in saying that between Kafka and other authors, such as Sacher-Masoch, Pierre Klossowski (these ones recognized as erotics), there is a characteristic in common: the creation of a procedure of forms dissolution.

KEYS WORDS: Kafka; Deleuze; Eroticism; Transgression; Flow of desire

Em nota de rodapé de um texto intitulado *Reapresentação de Masoch*, Deleuze afirma que os temas masoquistas abundam em Kafka (1997, p. 66). Antes disso, em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari dizem que Kafka tem alguns pontos em comum com a cartografia do masoquismo (1975, p. 97). Diante de tais indicações, pensamos que seja

* Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Educação pela mesma universidade, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: gabriel.sausen.feil@gmail.com



possível ir além e afirmar que Kafka, a exemplo de autores como Sacher-Masoch e Pierre Klossowski, também funciona como um erótico, tendo, inclusive, um plano perverso (plano no sentido de planejamento). Tal plano implica diversos elementos, porém, neste artigo nos deteremos em apenas dois deles: a substituição do contrato conjugal por um pacto diabólico; a busca pela despersonalização de seus personagens. Antes de nos empenharmos no plano, talvez seja necessário falarmos de qual conceito de erotismo estamos usando para afirmar Kafka como um erótico: trata-se do conceito traçado por Deleuze em *Klossowski ou os corpos-linguagens* e, de maneira mais implícita, na *Apresentação de Sacher-Masoch*. O erótico aparece como sendo a dissolução das formas, sobretudo da identidade pessoal.

Plano e procedimento

O pacto diabólico kafkaniano é realizado, segundo Deleuze e Guattari (1975, p. 44), através das cartas, e não tem outro objetivo que não seja o de fazer a família e a conjugalidade se desdobrarem. Nesse primeiro ponto, já há algo em comum com a cartografia de Masoch: o masoquista faz o que faz visando o desdobramento das funções familiares, sobretudo da função paterna. Tal desdobramento se faz com uma mulher (a mulher-carrasco), assim como a verdadeira destinatária das cartas de Kafka também é sempre uma mulher. O porquê disso não é muito claro em Kafka, porém, é bastante claro em Masoch: a família e a conjugalidade são, para ele, criações do homem, incluindo a função da mulher. No momento em que a mulher é convencida a bater no homem, ela se torna livre de sua função estabelecida, transformando-se num Ideal para o masoquista, já que possibilita que ele também se desdobre e que encontre uma nova função, livre da sociedade patriarcal, feita, acima de tudo, de família e de conjugalidade. Assim como Masoch convence Wanda a se transformar em uma mulher-carrasco, Kafka convence Felícia a escrever pelos menos duas cartas destinadas a ele por dia. Seu objetivo é evitar, pelo fluxo contínuo de cartas, a aproximação pessoal, a qual desencadearia a relação conjugal entre eles. Ou seja, tanto no investimento de Kafka como no de Masoch, há uma tentativa de impedir que as relações estabelecidas da família e da conjugalidade vinguem em suas vidas. Kafka por um pacto diabólico, Masoch por um contrato masoquista: diabólico porque despedaça o pacto com Deus, feito de marido e mulher, masoquista porque o



homem precisa apanhar para ver o seu velho papel de pai e de marido ser pervertido por uma mulher julgada Ideal.

Segundo o testemunho de Georges Bataille, "Kafka queria intitular sua obra inteira: "Tentações de evasão fora da esfera paternal" (1989, p. 135). É disto que se trata: Kafka, assim como Masoch, quer outra coisa que não a esfera criada e representada pelo pai. Mas Bataille adverte: não se pode dizer que Kafka tenha se expulsado dessa esfera, mas que ele "se comportava de maneira a se tornar insuportável ao mundo da atividade interessada, industrial e comercial" (1989, p. 135) (poderíamos acrescentar: familiar). Eis o seu plano: ao invés de simplesmente fugir do mundo que o desagrada, Kafka permanece nele, mas não sem o fazer transgredir, e é por isso que o seu plano adquire um caráter erótico: não por envolver momentos ditos eróticos, mas porque a própria atitude que assegura o seu comportamento desordenado, em relação ao do pai, é erótica. E não apenas erótico como também masoquista (ao menos com doses de masoquismo): em 1922, escreve em seu Diário: "Quando ainda estava satisfeito, queria estar insatisfeito e por todos os meios da época e da tradição que me eram acessíveis, eu me impelia para a insatisfação: atualmente gostaria de poder voltar a meu estado inicial. Assim é que me encontrava sempre insatisfeito, mesmo com minha insatisfação" (Apud BATAILLE, 1989, p. 139). Trata-se de planejar a sua própria infelicidade, como forma de lidar, ou mesmo revolucionar e violentar a sociedade que lhe é apresentada. Bataille chega a dizer: "ele quis ser infeliz para se satisfazer" (1989, p. 140). Eis aqui o seu masoquismo: o gozo na depreciação de si mesmo; o gozo em se inclinar profundamente sobre um mundo que o nega, inclinando-se para com ele sofrer.

É curioso como é comum entre os eróticos, ao menos entre Masoch, Klossowski e Kafka, o fato de todos eles traçarem um plano: via contrato pelo primeiro, via projeto pelo segundo e via pacto pelo terceiro. A nossa hipótese é de que o plano é necessário para que o erotismo de que tratamos se realize. É que da maneira em que concebemos o erotismo, ele jamais deve se constituir num fim, num ponto de chegada, mas deve se constituir na condição para que as formas e as relações estabelecidas sejam desfeitas. O objetivo último dos planos dos autores eróticos em questão, nunca esteve em fazer erotismo por fazer, mas sempre esteve em diluir os papéis prontos e, para tanto, é preciso um plano que seja capaz de assim proceder. Talvez seja por isso que para Deleuze, no Prefácio da *Apresentação de Sacher-Masoch*, Sade e Masoch não se constituem como autores pornográficos, mas como



pornólogos, porque os seus planos ultrapassam a função descritiva da linguagem obscena (1983). Pensamos que não apenas Sade e Masoch, mas também Klossowski e Kafka, funcionam como pornólogos por fazerem do erotismo de suas obras não um fim, mas uma condição. Se o erotismo fosse um fim e não uma condição, não seria necessário um plano, bastaria uma linguagem obscena por si só. Pornólogos porque ao invés de visarem o erotismo visam outra coisa, elevando o erotismo a uma função superior.

Queremos dizer que esses planos perversos não formam um gênero, o gênero erótico. O erotismo não funciona, ao menos com esses pornólogos, como um gênero, mas funciona como um modo de proceder. O erotismo é um procedimento, o qual procede diluindo as formas em função da indeterminação.

Orgia e funcionamento

Se o primeiro elemento funciona nas cartas, o segundo funciona nos romances. Entramos, agora, no segundo elemento que faz de Kafka um erótico: a busca pela despersonalização de seus personagens. Em matéria de erotismo, destaque para as personagens jovens de Kafka. Embora coadjuvantes, são elas que fazem os personagens principais encontrarem as saídas, encontrarem as brechas que todo segmento social deixa. Esse segundo elemento, portanto, diz respeito à concepção que Kafka tem do campo social, e se diferencia do primeiro elemento que diz respeito ao próprio Kafka (não menos fictício do que os personagens romanescos). Para ele, o campo social é um fluxo ininterrupto, mas que o homem, limitado a certos segmentos, não percebe isso, percebe, ao contrário, o campo social como um campo estável. Os personagens principais se apresentam vivendo nesse limite, porém, tudo muda quando eles se deparam com as jovens, as quais os fazem perceberem que todo o campo social, apesar de segmentado, é um fluxo contínuo, bastando achar os conectores. (Muitas vezes, são as próprias jovens que funcionam como conectores, outras vezes elas mostram a conexão). Uma vez redimensionado o segmento, os personagens principais também se redimensionam, muitas vezes perdendo as suas formas e, suspensos, conectando-se com outras coisas. É, portanto, papel das personagens jovens romper cada segmento e fazer passar para um outro: "É quase sempre uma jovem que encontra a porta de serviço, isto é, que revela a contigüidade do que se acreditava distante, e restaura ou instaura a potência do contínuo" (DELEUZE e



GUATTARI, 1975, p. 94). Despersonalização não só das jovens que são, de imediato, despersonalizadas, mas também dos personagens principais, os quais frente aos novos segmentos, passam a compor novas vizinhanças, graças à função conectiva das primeiras.

Chamaremos de orgia a maneira que Kafka usa para compor essas personagens. Orgia porque as personagens se compõem como misturas de várias funções entrelaçadas, e uma vez juntas, tornam-se indiscerníveis. Como dizem Deleuze e Guattari, as mulheres kafkianas "são em parte irmãs, em parte empregadas, em parte prostitutas" (1975, p. 95). Irmãs, empregadas e prostitutas: todas juntas numa só personagem, fazendo os segmentos vazarem: as irmãs, pertencendo às famílias, são as mais habilidosas para fazer ou deixar a família fugir; as domésticas, pertencendo aos investimentos sociais, sempre conhecem as portas de saídas; as prostitutas estão nos cruzamentos desses investimentos sociais, ou melhor, elas são as próprias brechas. A prostituta funciona como a falha do sistema familiar, porém, por brecha ou por falha, deve-se entender sob uma perspectiva positiva, afinal, a prostituta testemunha o fluxo contínuo, e a família, ao contrário, testemunha o segmento como se ele pudesse permanecer em repouso. Ou seja, se há uma função negativa aí, essa função é a da família. O interessante é que nenhuma dessas três funções vale por si mesma, é preciso que elas estejam juntas numa só personagem, sendo por isso que a irmã não funciona como uma simples irmã engajada no projeto familiar; a orgia em que a irmã participa com a empregada e com a prostituta dissolve a irmã que dizemos conhecer. Além disso, a prostituta, justamente por estar misturada com as outras duas, jamais aparece como uma mulher que cobra por serviços sexuais, pelo menos não explicitamente, mas aparece sempre como uma insinuação. São ares de prostituta e não papel de prostituta.

É também por orgia que a grande personagem de Klossowski é composta. Roberte não cessa de ser várias: há sempre mil Robertes em Roberte. É verdade que o modo de fazer essa orgia é bem diferente (estratégias diferentes). Em primeiro lugar, Roberte é uma personagem principal, e não uma coadjuvante como as jovens de Kafka. Em segundo lugar, não é Roberte que faz fugir, que indica as saídas, que conecta os segmentos, mas é Roberte que é feita fugir, ou seja, Roberte é o objeto, é a forma a se suspender. Sua função é análoga a da família nos romances kafkianos, e a de Octave é análoga a de Kafka autor. Octave é quem planeja em Klossowski, e em Kafka o engenhoso que planeja é ele mesmo, onipresente. Porém, há também algo em comum, e não apenas entre Klossowski e Kafka,



mas também entre Masoch: é em Roberte que Octave, personagem não menos principal, reflete-se, assim como é nas jovens que os personagens principais de Kafka deixam de acreditar naquilo que acreditavam, assim como Severino se torna um novo homem se refletindo em Wanda. Essa semelhança em outras palavras: há sempre um desdobramento dos personagens e tal desdobramento acontece sempre em função de personagens femininos.

K e as jovens de Kafka, Roberte e Octave de Klossowski, Severino e Wanda de Masoch. Todos esses personagens têm em comum o fato de não se constituírem em pessoas, mas em funções. Poderíamos falar, como falam Deleuze e Guattari, numa função K, mas poderíamos também falar numa função irmã-empregada-prostituta, numa função O, numa função R, numa função S, numa função W. K funciona como um fluxo cada vez mais a-segmentado e mais intenso, como objeto de um processo de despersonalização; irmã-empregada-prostituta funciona como conector de segmentos sociais, como responsável pelo processo de despersonalização da função anterior; O funciona como o interessado em despersonalizar para se despersonalizar; R funciona como forma a ser despersonalizada e, após o êxito do processo, como objeto que faz despersonalizar o interessado; S, a exemplo de O, também funciona como o interessado em dissolver a identidade pessoal para ter a sua dissolvida; W funciona como um espelho que reflete outra coisa, justamente a nova forma do interessado. O erotismo é um procedimento, um procedimento que procede por funções e jamais por pessoas.

Fluxo ininterrupto de desejo

Para Deleuze e Guattari, o fluxo ininterrupto, que constitui o campo social de Kafka, é de desejo. Disso decorrem pelo menos três axiomas complementares: 1- O que move a sociedade não é a lei, é o desejo. 2- Todo mundo é funcionário da justiça. 3- A justiça não é vontade estável, é desejo móvel.

1- A leitura de Deleuze e Guattari, dos romances de Kafka, mostram que o mais interessante a um processo, mesmo jurídico, não são as provas e as argumentações, as quais se apresentam no âmbito oficial do processo, mas são as coisas que acontecem entre as instâncias formais, como os murmúrios que ressoam sempre ao lado: os cochichos dos corredores, as fofocas que atravessam as paredes, os bastidores. São os bastidores que



testemunham o movimento, ou melhor, que fazem o movimento, e que dão ao processo uma força erótica. Chamemos de erótica essa força que é composta por uma polivocidade de desejo: desejos singulares que se entrelaçam um ao outro e, ao se entrelaçarem, transformam-se. No sentido de não se tratar, simplesmente, de uma variedade de desejos, de uma multiplicidade de desejos, mas de se tratar de desejos singulares que se misturam constituindo um fluxo único. É nesse caráter único que o fluxo se mostra necessariamente perverso: os desejos entram num mesmo fluxo, subvertem-se, e impedem que um desejo se transforme em lei perpétua. O fluxo faz a lei fugir, a faz se conectar com outros fluxos de desejos. Ou seja, a unicidade do fluxo não quer dizer que haja somente um fluxo, mas quer dizer que todo fluxo funciona como um amálgama de desejos indissociáveis. E por que Deleuze e Guattari afirmam que "a lei é escrita em um livro pornô" (1975, p. 74)? Trata-se de um livro que não cessa de ser violentado, assediado, pervertido, enfim, que não pára de se conectar com outros fluxos. Em Kafka, portanto, a justiça não é um caso de lei, é um caso de desejo, de fluxo de desejo.

2- Quando o que importa são os cochichos e os bastidores, então, todo mundo funciona como um funcionário da justiça. A justiça não é representacional, ao menos não nos romances de Kafka. A justiça é o próprio fluxo de desejo, e os personagens, sobretudo as jovens (como dissemos anteriormente), são os conectores, ou seja, aqueles que fazem com que os fluxos se penetrem uns nos outros. Os juízes e os advogados funcionam, no máximo, como centralizadores, mas mesmo assim, como centralizadores fracassados, por pretenderem concentrar algo que tem como primado o movimento e não o repouso.

3- Os juízes, os advogados e as leis, são responsáveis por desacelerarem a justiça, ou seja, são responsáveis pela parte lenta do processo. É como se a justiça fosse composta por duas partes: a parte lenta, funcionando com as leis e os funcionários oficiais, e a parte veloz, funcionando com o fluxo ininterrupto de desejo. Mas não é tão simples assim: a lei ainda sim é fluxo de desejo, porém, é a desaceleração, ou ao menos a impressão de desaceleração, do fluxo. Ou seja, a lei funciona como a parte da justiça que paralisa o desejo, mas que ainda sim é constituída de desejo, embora em lentidão. Nota-se que as duas partes não constituem dois mundos independentes, afinal, trata-se de um mundo só, o mundo do fluxo. E se o da lei funciona, é só como derivado do outro.

Erotismo, transgressão e procedimento.



Kafka funciona como um erótico porque não pára de transgredir, ou seja, de fazer um segmento se conectar com outro inimaginável até então. Ele faz o fluxo abrir, ir adiante, ir além, ou invés de fechá-lo, limitá-lo, encerrá-lo. A transgressão é o procedimento kafkaniano, e talvez devêssemos imitá-lo. Não temos certeza se o imitando funcionaremos, de imediato, como eróticos, mas temos certeza de que os bons procedimentos devem ser imitados. Os bons procedimentos, para nós, são aqueles que não incluem as formas de conteúdo, ou seja, que não conservam quaisquer vínculos com temas, assuntos ou áreas.

Referências Bibliográficas

- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Taurus: Rio de Janeiro, 1983.
- _____. Reapresentação de Masoch. In: _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34, p. 1997.
- _____. Klossowski ou os corpos-linguagens. In: _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. Mística e masoquismo. In: _____. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- _____; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *O desaparecido ou Amerika*. São Paulo: 34, 2003.
- _____. *O processo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KLOSSOWSKI, Pierre. Roberte, ce soir. In: _____. *Les Lois de l'hospitalité*. Paris: Gallimard, 2001a.
- _____. La Révocation de l'Édit de Nantes. In: _____. *Les Lois de l'hospitalité*. Paris: Gallimard, 2001b.
- _____. Le Souffleur. In: _____. *Les Lois de l'hospitalité*. Paris: Gallimard, 2001c.
- SACHER-MASOCH, Léopold Von. A Vênus das peles. In: DELEUZE, Gilles. *Apresentação de Sacher-Masoch*. Taurus: Rio de Janeiro, 1983.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
